

Percepções de estudantes universitários sobre relações sexuais em contexto de intoxicação por álcool e outras drogas

Palavras-Chave: Estudantes; Violência Sexual; Intoxicação Alcoólica.

Autores:

Aluna: Juliana Joo

Orientador: Prof. Dr. Amilton dos Santos Júnior

Coorientadora: Profa. Dra. Renata Cruz Soares de Azevedo

INTRODUÇÃO:

Estudos indicam taxas elevadas de uso de substâncias psicoativas (SPA) globalmente, especialmente na população de adolescentes e adultos jovens¹. No contexto do ensino superior, o uso de álcool e outras drogas tende a ser maior que entre jovens da mesma faixa etária que não frequentam universidades e o padrão de consumo mais frequente nessa população é o de *binge*. Pessoas intoxicadas podem estar mais vulneráveis a comportamentos de risco, principalmente os relacionados à atividade sexual². Um tema relevante nesse contexto refere-se à capacidade de consentimento para relações sexuais quando se está fortemente intoxicado por álcool e/ou outras drogas. A intoxicação durante o evento influencia como uma agressão sexual é socialmente percebida, tanto em termos da culpabilização das vítimas, quanto das percepções do quão “legítimo” é considerar a situação como estupro³. Esse estudo objetiva analisar as percepções de estudantes universitários sobre relações sexuais em contexto de intoxicação por substâncias psicoativas. Os objetivos específicos são avaliar de acordo com as variáveis (gêneros, uso de risco de álcool pelo *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT) e antecedente de violência sexual), os seguintes dados: porcentagem de alunos que responderam “sim”, “não” e “depende”, as principais características da população que respondeu “depende” e as principais categorias de justificativas.

PARTICIPANTES E MÉTODOS:

Estudo transversal inserido em um amplo levantamento que avaliou 6.906 estudantes dos três campi da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), nos anos de 2017 e 2018. Para o presente recorte deste

projeto de iniciação científica, foram avaliadas as taxas de resposta à questão: “Você acha que ter relações com alguém que está fortemente intoxicado por álcool ou outra droga é estupro? Não? Sim? Depende?”. Posteriormente, procedeu-se à análise de associações das respostas com as variáveis gênero, uso de risco de álcool pelo *Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT)* e antecedente de violência sexual. Para os indivíduos que responderam “depende”, havia uma pergunta complementar “depende do quê?”, cujas respostas eram abertas e foram, após análise, agrupadas de acordo com as principais categorias de respostas. Também foram descritas as principais características dos indivíduos que responderam “depende” a essa questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Dos 6.590 alunos que responderam, 4.617 (70,0%) concordam que ter relações com alguém que está fortemente intoxicado por álcool ou outra droga é estupro. Dos 321 (4,9%) alunos que discordam, 1,2% eram do gênero feminino e 3,7% masculino. Os 1.652 (25,1%) estudantes que responderam “depende” dividiram-se em 15,8% de homens e 9,3% de mulheres.

As justificativas dadas pelos alunos que responderam “depende” foram agrupadas em cinco grandes categorias: 1. Consentimento, exemplo de justificativa: “depende de consenso. Qualquer relação sexual precisa de consenso mútuo, e isso não necessariamente muda c/ álcool.”, 2. Consentimento prévio ao uso de SPA, ex. “Se antes do uso isso foi combinado com a pessoa”, 3. Existência de relação prévia com a pessoa/de quem é a pessoa, ex. “depende de muita coisa... Um casal de namorados bêbados, por exemplo, pode transar tranquilamente”, 4. Ambos estão intoxicados, ex. “Se ambos estiverem igualmente intoxicados não acho que seja estupro.” e 5. Nível de consciência/intoxicação, ex. “Se a pessoa está minimamente consciente para decidir”. Outras justificativas que apareceram em menor frequência foram: “depende de quem toma a iniciativa”, “se a pessoa não falar nada, não é estupro”, “depende da situação” e “não é estupro se não houve violência”. Ao analisar as justificativas de acordo com a variável “gênero”, daqueles que se proclamaram serem do gênero feminino, 211 (34,4%) responderam depender do consentimento, 13 (2,1%) do consentimento prévio ao uso de SPA, 102 (16,6%) da relação prévia que você tem com a pessoa/de quem é a pessoa, 34 (5,5%) de ambos intoxicados e 132 (21,5%) do nível de consciência/intoxicação. Já dentre os do gênero masculino, 238 (22,9%) responderam depender do consentimento, 56 (5,4%) do consentimento prévio ao uso de SPA, 150 (14,4%) da relação prévia que se tem com a pessoa ou quem é essa pessoa, 127 (12,2%) de ambos intoxicados, e 211 (20,3%) do nível de consciência/intoxicação. Em ambos os gêneros, a maioria das justificativas se basearam no fator consentimento. O segundo maior grupo apontou a questão do nível de consciência/intoxicação da vítima. E o terceiro maior grupo alegou não ser estupro caso haja relação prévia (namorados, casados, etc) entre os envolvidos.

Dos 6.460 alunos que responderam à pergunta do questionário: “Já sofreu estupro (relação sexual contra sua vontade)?”, (18,7%) responderam “depende”. Daqueles que afirmaram que não sofreram estupro (6.102 alunos), 310 (5,1%) responderam que não é estupro, 4240 (69,5%) responderam que é e 1.552 (25%) responderam “depende”. Dos alunos que sofreram estupro e responderam “depende”, 25 (37,3%) alunos

alegaram que depende do consentimento (gênero feminino = 7, masculino = 8), 4 (5,9%) responderam que depende se há consentimento prévio ao uso (gênero feminino = 1, masculino = 3), 10 (14,9%) se há relação prévia (gênero feminino = 7, masculino = 3), 10 (14,9%) se ambos estão intoxicados (gênero feminino = 6, masculino = 4) e 16 (23,8%) responderam que depende do nível de consciência/intoxicação (gênero feminino = 13, masculino = 3).

Outra variável analisada foi o uso de risco de álcool pelo *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT), os alunos foram divididos em aqueles com pontuação AUDIT = 0 (não fazem uso de álcool), AUDIT 1-7 (uso de baixo risco) e AUDIT \geq 8 (uso de risco). O AUDIT é um instrumento de rastreamento do uso problemático de álcool. É composto de dez questões que avaliam 3 domínios: consumo de álcool, dependência do consumo de álcool e consequências adversas do consumo de álcool. Das 6.557 respostas válidas, 2.266 (34,5%) alunos apresentavam AUDIT \geq 8 (42,6% mulheres e 57,4% homens). Desses, 104 (4,6%) responderam que relações com alguém que está fortemente intoxicado por álcool ou outra droga não é estupro, 1.424 (62,8%) responderam que é estupro e 738 (32,6%) responderam “depende”. Dos que tiveram AUDIT $<$ 8, 215 (5%) responderam que não é estupro, 3.168 (73,9%) responderam que é, e 908 (21,1%) responderam “depende”. Dos que responderam “depende” e tiveram AUDIT \geq 8 (uso de risco), 153 (20,7%) alegaram que depende do consentimento, 36 (4,8%) de consentimento prévio ao uso de SPA, 125 (16,9%) de relação prévia, 144 (19,5%) de ambos intoxicados e 128 (17,3%) do nível de consciência/intoxicação. Dos que responderam “depende” e tiveram AUDIT $<$ 8, 252 (27,7%) alegaram que depende do consentimento, 45 (4,9%) de consentimento prévio ao uso de SPA, 221 (24,3%) de relação prévia, 127 (13,9%) de ambos intoxicados e 139 (15,3%) do nível de consciência/intoxicação.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES:

A intoxicação durante a violência influencia como uma agressão sexual é socialmente percebida, tanto em termos da culpabilização das vítimas, quanto das percepções do quão “legítimo” é considerar a situação como estupro. Isso pode refletir estereótipos culturais do que constitui um “estupro real”, contribuindo com os “mitos do estupro”, que são crenças estereotipadas e preconceituosas da sociedade sobre o assunto, ex. “Alguém que bebeu muito álcool ou usou drogas não deve reclamar se acabar sendo estuprado ou agredido sexualmente”. Há a rejeição pela sociedade, pois esta considera as mulheres que aceitaram beber excessivamente como mulheres que se afastaram do seu suposto papel de gênero e, portanto, não exibiram comportamento socialmente aceitável e não seriam dignas de ajuda. ³

Houve maiores taxas de relativização em alunos do gênero masculino. Dos 1.652 (25,1%) estudantes que responderam “depende”, 15,8% são homens e 9,3% mulheres. Em ambos, a justificativa mais frequente foi que não é estupro se há consentimento. A segunda justificativa mais frequente é de que depende do nível de consciência/intoxicação. Além disso, mais homens justificaram que depende de ambos estarem ou não intoxicados (12,2% contra 5,5% de mulheres). De acordo com o Código Penal Brasileiro, com redação dada em 2009 ao artigo 213, é caracterizado como estupro o ato de “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”.

Além disso, o artigo 217-A acrescenta que também é estupro quem pratica as ações descritas com alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência⁴.

A terceira justificativa mais frequente foi de que não é estupro se há uma relação prévia entre os envolvidos, ex. namorados, casados etc. Nas pesquisas sobre violência sexual, a maioria dos indicadores aponta que as agressões costumam ser cometidas por alguém próximo da vítima. Levantamento do Instituto Data Senado em parceria com o Observatório da Mulher Contra a Violência feito em 2017, apontou que em 74% dos casos de violência contra a mulher (incluindo todo tipo de agressão), os autores são pessoas que têm ou tiveram relações afetivas com a vítima. Conforme o levantamento, deste percentual, 41% referem-se ao atual marido, companheiro ou namorado, apontado como autor da agressão⁵.

Os alunos que alegaram ter sofrido estupro tiveram menores taxas de “não”(1,4%) em comparação com aqueles que não sofreram estupro (5,1%). Além disso, tenderam a relativizar menos (“depende” = 18,7% contra 25,0%). Em relação à variável AUDIT, aqueles que apresentaram $AUDIT \geq 8$ tenderam a relativizar mais quando comparado àqueles com $AUDIT < 8$ (32,6% contra 21,1%). Estudos mostram que o álcool é a substância que possui maior associação com condutas de risco, por ser uma droga que diminui as atividades do Sistema Nervoso Central, provocando aumento da loquacidade, desinibição, diminuição da capacidade de planejar e de discernir os riscos. É capaz de produzir um efeito sobre os indivíduos chamado de “miopia do álcool”. Os agressores ao fazerem uso/abuso de álcool sentem-se mais poderosos e violentos com o uso e são mais suscetíveis a interpretar o comportamento da vítima como um sinal de interesse sexual e sentir-se sem restrições para fazer o uso da força para obter sexo⁶.

Estudos mostram que vítimas que se encontravam intoxicadas são vistas como menos confiáveis em seus relatos e tendem a ser menos credibilizadas. A embriaguez e o comportamento sexual das mulheres são mais censurados do que os dos homens. Assim, muitos perpetradores de agressão sexual são rápidos em depreciar as mulheres que bebem e rotulá-las como sexualmente promíscuas. Isso é um fator importante, pois pelo menos 50% das violências sexuais que ocorrem nos ambientes universitários estão relacionadas ao uso de álcool⁶. Dados apontam que menos de 5% das vítimas reportam a agressão para autoridades legais. Acredita-se que tal situação se dê em parte pela possibilidade de serem responsabilizadas pelo incidente, ex. “você não deveria estar bebendo”. Além disso, é digno de nota que não apenas a "culpa da vítima", mas também a atenuação da responsabilidade do perpetrador parecem ser mais exacerbadas quando os incidentes de estupro envolvem álcool⁷.

O grau em que as vítimas e perpetradores de estupro são culpados também pode ser parcialmente influenciado pelo gênero do avaliador. Estudos mostram que as mulheres em geral parecem demonstrar maior simpatia pelas vítimas de estupro do que os homens. Além disso, aqueles que já sofreram estupro tendem a culpabilizar menos a vítima, por já terem passado pelas dificuldades e sofreram as consequências desse tipo de trauma⁸.

Os resultados obtidos mostram que houve maior relativização (maior frequência de respostas “depende”) em alunos que se declararam serem do gênero masculino, sem antecedentes de estupro e $AUDIT \geq 8$. Esses dados reforçam a urgência de atenção para a população universitária em situação de maior

vulnerabilidade e à carência de estratégias efetivas de prevenção ao consumo abusivo de álcool. O desenvolvimento de estratégias de prevenção que atendam as vítimas de estupro dentro da população universitária, partem do conhecimento das prevalências e do perfil sociodemográfico. O fato de que os do mito do estupro exercem grande influência sugere que os esforços educacionais e de prevenção podem ter o melhor objetivo de eliminar as crenças gerais que apoiam a agressão sexual contra as mulheres. Considera-se também importante que adolescentes que fazem uso nocivo e/ou que apresentam possível dependência sejam identificados e que programas de prevenção sejam desenvolvidos.

BIBLIOGRAFIA

1. FERNANDES, Márcia Astrês et al . Prevalence of anxious and depressive symptoms in college students of a public institution. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília , v. 71, supl. 5, p. 2169-2175, 2018 .
2. JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Angela Mattar. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambient. soc.*, São Paulo , v. 17, n. 3, p. 135- 154, Sept. 2014 .
3. Grubb, A., & Turner, E. (2012). Attribution of blame in rape cases: A review of the impact of rape myth acceptance, gender role conformity and substance use on victim blaming. *Aggression and Violent Behavior*, 17(5), 443–452.
4. BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal.
5. VIOLÊNCIA doméstica e familiar contra a mulher. [S. l.], 25 ago. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/aumenta-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia>. Acesso em: 25 ago. 2021.
6. Abbey A. Acquaintance rape and alcohol consumption on college campuses: How are they linked? *J. Amer. Coll. Hlth.* 1991;39(4):165–169. Petit JY, Botteri E., Lhsiriwat V. et al. Locoregional recurrence risk after lipofilling in breast câncer patients. *Ann Oncol.* 2012;23:582-8.
7. Amir, M. (1971). *Patterns in forcible rape*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
8. Corcoran, K. J., & Thomas, L. R (1991). The influence of observed alcohol consumption on perceptions of initiation of sexual activity in a dating situation. *Journal Applied Social Psychology*, 21, 500-507.